

Conhecimento e formação em saúde na universidade

Reflexões sobre uma experiência de ensino

Sidinei Pithan da Silva* / Vânia Lisa Fischer Cossetin**
Yoisse Nathaly Velasco Rodríguez*** / Carlos Alberto Cardoso Dias****

Resumo

O presente texto reflete sobre o problema do conhecimento e da formação em saúde no contexto universitário à luz de uma experiência de ensino com estudantes do curso de Medicina da Unijuí, particularmente na unidade de ensino-aprendizagem Ética, cultura e cidadania. O objetivo consiste em descrever o percurso construído a fim de compartilhar uma ideia possível de formação do estudante de medicina pelo estudo e discussão das grandes questões que atravessam a problemática humana no que se refere às relações entre ética, cidadania e saúde, nos contextos brasileiro, latino-americano e global. O cenário permite-nos pensar em uma pedagogia dialógica, comunicativa, complexa e intercomplementar, cenário em que a dimensão da pesquisa em sala de aula permite tanto aprofundar conceitos caros à tradição filosófico-humanista quanto criar as capacidades críticas, éticas, estéticas, políticas e epistemológicas indispensáveis à convivência democrática e cidadã.

Palavras-chave

conhecimento – formação – medicina - universidade

* Doutor em Educação (UFPR), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Contacto: sidinei.pithan@unijui.edu.br

** Doutora e mestre em Filosofia (PUCRS), professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Contacto: vania.cossetin@unijui.edu.br

*** Médica e Cirurgiã (Unicauc). Mestre em docência universitária (Udenar). Doutoranda em Ciências da Educação - Udenar. Reitora do Curso de Medicina da UCC. Contacto: yoisnat2@gmail.com

**** Especialização em Ginecologia Minimamente Invasiva (Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, Brasil, 2012). Especialização em Sexualidade Humana (Faculdade Tuiuti, Brasil, 1991). Especialização em Tocoginecologia (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil, 1977). Graduação em Medicina (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil, 1975).

Introdução

Os novos tempos configuram-se como formas desafiadoras para todos que atuam na formação universitária. De forma particular, este texto expressa um modo de pensar a formação, tendo em vista uma experiência de ensino com estudantes da área da saúde. O cenário desenha-se desafiador porque se trata de permitir um lugar para as humanidades (Filosofia, Artes, Ciências Humanas e Sociais) no contexto da formação de profissionais de saúde, criando uma cultura de diálogo com o mundo e com os demais componentes curriculares relacionados à saúde clínica e coletiva, favorecendo o alargamento e o aprofundamento de seus horizontes formativos. O componente curricular ao qual nos referimos denomina-se *Ética, cultura e cidadania*, e compõe o Eixo de Formação Geral e Desenvolvimento Pessoal do Curso de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), lecionado no terceiro semestre do percurso formativo.

O projeto pedagógico do curso de Medicina da Unijuí orienta-se pela ideia de educação integral. Significa que ele assume o compromisso de uma formação que visa à superação da fragmentação do conhecimento e que desafie o estudante à resolução de problemas complexos próprios da dinâmica da sociedade contemporânea. Em termos gerais, o seu objetivo central encontra-se numa «[...] formação teórica sólida e o desenvolvimento de competências, habilidades, valores e atitudes operativas necessárias à prática profissional competente, ética, humanizada, socialmente comprometida com a comunidade e com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), responsável e promotor da saúde integral do ser humano» (Unijuí, 2017). Nestes termos, é um curso alinhado com os pressupostos básicos da própria medicina, a saber: atenção à saúde universal, integral, equitativa e de qualidade.

Em um primeiro momento, a ementa propõe que o componente promova uma reflexão teórico-crítica da ética, da moral e da cidadania no mundo contemporâneo. A mesma destaca a necessidade de pensar as origens, a relação e as diferenças entre ética, moral e deontologia, marcando também o lugar dos valores, dos costumes, dos hábitos e da necessidade de se pensar tais conceitos no conjunto dos desafios da formação e atuação médica, bem como dos direitos e dos deveres dos cidadãos. Neste contexto, a noção de cuidado torna-se um elemento norteador da cidadania, posto que as noções de respeito à alteridade, de público e de privado assumem caráter altamente relevantes, bem como seu vínculo com as políticas públicas.

O componente ressalta, ainda, a relação da cidadania em sua ligação com a convivência social e a inclusão social, apontando para a complexa associação entre indivíduo, coletividade e subjetividade. Em um segundo momento, a ementa torna visível a necessidade de problematizar diferentes flagelos sociais (tais como a fome, o desemprego, a violência, dentre outros), inserindo o acadêmico numa visão ampla sobre a pauta democrática e os diferentes movimentos e possibilidades de intervenções sociais. Busca, com isso, contribuir para o desenvolvimento de uma percepção críti-

ca acerca da exclusão social das populações indígenas e afrodescendentes no Brasil, promovendo, assim, o desenvolvimento da consciência acerca da responsabilidade de cada um e do/a médico/a, em especial no combate à erradicação da pobreza, redução das desigualdades sociais e a todas as formas de preconceito e discriminação.

Com este pano de fundo objetivamos descrever e refletir acerca de um enfoque pedagógico possível para desenvolver esta abordagem (formação médica em perspectiva complexa, investigativa e crítica) na universidade. De modo particular, buscamos compartilhar o percurso que utilizamos para permitir o desenvolvimento deste módulo de ensino, com vistas à ampliação da formação humana, profissional e cidadã do estudante de medicina.

Ética, moral e cidadania no mundo contemporâneo:

desafios no campo filosófico e formativo

Aliar a formação humana mais ampliada ao lado do alto grau de precisão e acerto exigido do futuro médico em sua atuação clínica, torna-se um grande desafio para todos os docentes que trabalham em cursos de Medicina e que têm a formação humanizadora como um de seus eixos centrais. Por vezes, uma formação nesta perspectiva tende a ser recebida, muitas vezes, como que ocupando um lugar secundário. Por óbvio, esta não é a posição assumida aqui.

Entendemos que a formação humana é o primeiro desafio que se põe em quaisquer contextos formativos e ao longo da vida de todo sujeito. Inicia-se com o seu nascimento e somente se concluirá com a sua morte. Além disso, é o tipo de formação que não dispõe de um estágio ao término do qual o sujeito pode ser titulado ou certificado, como se lhe fosse possível atingir determinado ápice ou grau de formação que o dispense de quaisquer outros investimentos formativos subsequentes. Isso significa afirmar que, ao longo de nossa existência, não há um único momento ou estágio no qual poderíamos concluir e demonstrar que, em ali estando, teríamos atingido a plenitude de nossa humanidade.

Não por acaso, no decurso da história da humanidade, desde os gregos, passando pela modernidade, os filósofos colocaram-se o desafio de pensar a condição e a formação humana. Na modernidade, em particular, assistimos a um fenômeno novo inaugurado pelo pensamento cartesiano e pela necessidade de aprofundamento e hiperespecialização no campo das ciências. Em que pese todos os ganhos daí decorrentes, passamos a ter de lidar com a fragmentação do conhecimento e a dificuldade de recobrar a dimensão de totalidade via diálogo inter e transdisciplinar. Seguimos com este desafio passados mais de 400 anos; desafio este que inclui pensar não apenas os profundos, mas, sobretudo, os irreversíveis impactos desta fragmentação.

Eis o lugar ético a ser assumido pelo curso de Medicina nos termos aqui concebidos, ou seja, pensar a constituição e os efeitos do conhecimento científico em nossa vida, e isso tanto a partir do seu amplo projeto pedagógico quanto do eixo da Formação Geral e Desenvolvimento Pessoal que o compõe, especialmente da unidade de ensino-aprendizagem *Ética, Cultura e Cidadania* pela qual respondemos.

Balizados por um referencial teórico, que inclui pensadores como Hans-Georg Gadamer (2006), Adolfo Sánchez Vázquez (1980), Fernando Savater (2001), Hans Jonas (2013), dentre outros, a primeira questão que se apresenta a nós, professores, no conjunto desta unidade, é como sensibilizar e mobilizar os estudantes mediante a oferta de leitura de textos teóricos e de debates encetados em sala de aula, com vistas a ampliar as suas compreensões acerca da complexidade do mundo que os entorna, nele situando a si mesmos enquanto seres humanos, cidadãos, estudantes e também como futuros médicos. É dentro desta perspectiva, cuja dinâmica vai do universal para o particular, que propomos a travessia formativa no interior desta unidade. Entendemos que é seguindo este movimento, por certo sempre tensionado pelas expectativas futuras acerca de sua própria formação –que é virem a se tonar médicos um dia–, que uma educação pessoal e profissional mais humanizada pode acontecer. Em outras palavras, uma formação em que o estudante consiga identificar, olhar, escutar e se deixar afetar pelas mazelas, sofrimentos e fragilidades alheias e também próprias, que se sinta mais responsável pela construção de um mundo em que caibam todos e no qual todos possam conviver. É sobre este lastro que nos situamos eticamente como professores, e é a partir dele que propomos as atividades de estudo nesta unidade.

Nesse sentido, apesar da sua indiscutível relevância, concebemos que não é o caráter formal e positivo de, por exemplo, um código deontológico, que vai fazer a diferença na formação humana e ética dos estudantes, senão a compreensão daquilo que se encontra na base de qualquer regulação ou normatização. É pela consideração dos condicionantes culturais, econômicos, sociais, emocionais, que estão em jogo nas dinâmicas sociais e na própria cena clínica, que a humanidade do médico se revela, e, por conseguinte, a sua ética. Tem a ver com a capacidade de o estudante e o futuro médico refletirem com autonomia e criticidade sobre o seu fazer, ainda que isso lhe custe colocar em suspensão as próprias convicções.

Trata-se, portanto, de uma formação que visa à busca pelo equilíbrio entre os projetos privados de qualquer pessoa, oriunda de qualquer campo profissional, e os interesses e o bem coletivos. É neste aspecto mais amplo, desenvolvido em um primeiro momento, que desdobramos uma reflexão mais contextual e contingente, abarcando a problemática brasileira e latino-americana como pano de fundo indispensável para pensar o conhecimento e o lugar das humanidades no campo da formação em saúde.

Ética, Cultura e cidadania no Brasil e América Latina: desafios no campo da saúde

Um modo particular de pensarmos as questões contemporâneas no que se refere ao problema da ética é percebermos seus vínculos com o tema da política, da liberdade, da igualdade, da diferença, da solidariedade e da sustentabilidade. No conjunto das aulas, a escolha pedagógica e filosófica assumida para adentrar em tais temas observa o campo simbólico pressuposto pela ementa, principalmente quando vincula as questões da economia com as dinâmicas culturais e políticas do Brasil e da América Latina. A menção a Darcy Ribeiro (1995) como um dos autores centrais do componente curricular, revela a preocupação fundamental, considerado todo o projeto de formação, com a pergunta acerca do papel da universidade e da educação em um continente e país como o nosso.

É uma perspectiva que incorpora, conjuntamente, a leitura de Mario Osorio Marques (2006), Darcy Ribeiro (1995), Milton Santos (2011), Edgar Morin (2001), Amartya Sen e Bernardo Kliksberg (2010), Zygmunt Bauman (2011), dentre outros, sugerindo uma determinada ideia de formação universitária e um conjunto de questões para pensar a ética, a cultura e a cidadania como suas grandes temáticas. Em linhas gerais, trata-se de um modo de pensar a construção do conhecimento à luz de um referencial paradigmático, que nos permita analisar e refletir sobre as tradições de pensamento que constituem nossa modernidade ocidental e que, de forma especial, nos ajudam a repensar o campo da saúde no contexto histórico-social diante dos desafios da contemporaneidade.

O foco da problematização dos diferentes flagelos sociais (fome, desemprego, violência, dentre outros) leva-nos, de imediato, a inserir o acadêmico numa visão ampla sobre democracia e os diferentes movimentos e intervenções sociais. Em uma proposta pedagógica crítica e emancipatória, não nos cabe desenvolver uma pedagogia bancária, conteudística, em que os estudantes recebem passivamente pacotes de conhecimento, mas assumir uma visão dialógica e investigativa, em que uma pedagogia da pergunta e da problematização assume, orienta e organiza o ensino e a formação. No projeto da universidade brasileira, desde o entendimento de Anísio Teixeira (1988), cumpre à universidade ser criativa, crítica e reflexiva, assumindo o compromisso de formar intelectuais capazes de pensarem os problemas do Brasil à luz de sua história.

Se do ponto de vista ético e político o componente curricular busca dialogar com autores que nos permitem analisar a vida social, filosófica, cultural e histórica, ou seja, tendo como horizonte a dimensão do mundo histórico-social, do ponto de vista pedagógico torna-se importante entender como esta visão pode ser desenvolvida a partir da sua relação com a especificidade do problema da saúde coletiva e individual. Além disso, a questão ética e política, de certo modo, embora seja

distinta, dialoga e se presentifica na escolha pedagógica que fazemos, uma vez que tanto a forma quanto o conteúdo da experiência democrática, vivida em sala de aula, importam para a constituição de uma experiência formativa que objetiva ampliar o potencial de cidadania e de capacidade crítica e instituinte dos estudantes. Para tanto, do ponto de vista didático e curricular, concebemos a organização do componente curricular por eixos de trabalho, o que possibilita inserir a pesquisa como princípio formativo e assumir o movimento epistemológico em sentido inter e transdisciplinar (Marques, 2006).

O foco da formação se debruça sobre temas caros ao problema da agenda democrática no Brasil e na América Latina, destacando desafios relevantes no campo da saúde pública no século 21. O interesse orbita em contribuir para o desenvolvimento de uma percepção crítica acerca da exclusão social, especialmente das populações indígenas e afrodescendentes no Brasil, mapeando os índices de morbidade e mortalidade dessas populações, mas também comparando com outros países do continente. Neste intento, as pesquisas e diálogos em sala de aula buscam promover o desenvolvimento da consciência social, ética e política, que, amparadas na mediação conceitual, possam evidenciar a necessidade do compromisso de todos –professores, pesquisadores, estudantes, médicos– na erradicação da pobreza e na redução das desigualdades sociais, bem como no combate a todas as formas de preconceitos e discriminação. Neste ponto específico, a obra de Gastão Campos (2015), *Tratado de Saúde Coletiva*, e de Amartya Sen e Bernardo Kliksberg (2010), *As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado*, permitem um diálogo profundo sobre a realidade brasileira e latino-americana.

A título de exemplo das atividades desenvolvidas, convém registrar o Seminário Temático realizado, em cuja atividade a turma foi organizada em grupos de pesquisa a partir de cada um dos seguintes temas/eixos: 1) A cidadania no Brasil no cenário da globalização e a saúde; 2) Corpo, cultura e saúde no mundo globalizado; 3) Ética, ciência e técnica: conhecimento, complexidade e saúde; 4) Ética, saúde e relações de trabalho no Brasil e no Mundo; 5) Justiça social, direitos humanos e democracia: desafios para o campo da saúde no século XXI; lembrando que todas as temáticas foram escolhidas como forma de ampliar a significação dos conteúdos e favorecer a construção de capacidades de pesquisa, criação e criticidade dos educandos. É importante destacar, também, que o componente curricular como um todo trabalha por problematizações, as quais avançam em cada aula mediante leitura e tematização dialogada, culminando, então, com o seminário. Todas as aulas envolvem contextualização, problematização, pesquisa, socialização, síntese conceitual e avaliação, ou seja, partimos de uma visão sincrética sobre o tema, e por aproximações conceituais e dialéticas buscamos visões mais integradoras e complexas.

Considerações finais

A reflexão sobre nossa experiência de ensino no curso de medicina da Unijuí-RS, permitiu-nos explicitar uma forma de compreender a tarefa formativa da universidade e, nela, o lugar para a reflexão filosófica, pedagógica e histórico-social. Criar as condições para que os estudantes aprendam a distinguir e religar o que está separado e/ou fragmentado, constitui uma das tarefas de uma pedagogia crítica, criativa e complexa. O estudo acerca da condição humana, em sua complexidade, bem como dos desafios histórico-sociais da atualidade, possibilitam situar o componente curricular no contexto da formação em saúde.

Os desafios acerca do entendimento sobre a potencialidade das sociedades democráticas e republicanas e sua renovação histórica, permite-nos entender os novos desafios que se colocam para o campo democrático no sentido de enfrentar as polícrises (econômica, social, política, cultural, epistemológica, ética e estética) do mundo em que vivemos. A renovação do humanismo e a construção de uma nova antropologia, conjuntamente com uma nova forma de pensar, em que a hermenêutica, a teoria crítica e os enfoques da complexidade dialoguem, possibilitam-nos entender a pertinência das ciências humanas e sociais para o campo da saúde coletiva e da democracia.

O destaque para as questões éticas, sociais, políticas e culturais como formas de enfrentarmos os desafios da saúde coletiva, consentiu-nos projetar novas sensibilidades e capacidades aos estudantes. O entendimento de que vivemos no continente mais desigual do mundo e de que as mulheres mais pobres, negras e indígenas, de baixa escolaridade, são as quem mais adoecem e falecem precocemente, lança um alerta e muitos desafios para as sociedades democráticas, especialmente para acadêmicos do campo da saúde, na intenção de comprometerem-se com a melhoria das condições de vida, de educação e de saúde das populações historicamente excluídas. Esta, como assinalam Amartya Sen e Bernardo Kliksberg (2010), é a condição para uma ética do desenvolvimento.

Em suma, enfrentar as desigualdades, combater todas as formas de preconceito e de discriminação, constituem pautas que se somam à criação de uma sociedade justa e sustentável, permitindo aos estudantes que reconheçam as conquistas históricas acerca da Justiça e dos Direitos Humanos no Brasil e América Latina, e compreendam a complexidade do mundo e a dinâmica do processo de globalização e seus efeitos. Sem isso, possivelmente não conseguirão questionar as irrationalidades operantes e que estão a colocar em risco a democracia e, não por acaso, a saúde pública.

Referências

- Bauman, Zygmunt** (2011) *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Zahar. Rio de Janeiro.
- Campos, Gastão Wagner de Souza et al.** (2015) *Tratado de saúde coletiva*. Hucitec. São Paulo.
- Carvalho, José Murilo de** (2013) *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- Gadamer, Hans-Georg.** (2006) *O caráter oculto da saúde*. Tradução Antônio Luz Costa. Editora Vozes. Rio de Janeiro.
- Jonas, Hans** (2013) *Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*. Tradução Grupo de Trabalho Hans Jonas da Anpof. Paulus. São Paulo. (Coleção Ethos).
- Marques, Mario Osorio** (2006) *Pedagogia: a ciência do educador*. Editora Unijuí; Inep. Ijuí; Brasília.
- Morin, Edgar** (2001) *Ciência com consciência*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.
- Ribeiro, Darcy** (1995) *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Santos, Milton** (2011) *O espaço da cidadania e outras reflexões*. Fundação Ulysses Guimarães. Porto Alegre.
- Savater, Fernando** (2001) *As perguntas da vida*. Tradução Mônica Stahel. Martins Fontes. São Paulo.
- Sen, Amartya; Kliksberg, Bernardo** (2010) *As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Teixeira, Anísio** (1988) *Educação e universidade*. Editora UFRJ. Rio de Janeiro.
- Unijuí** (2017) Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. *Projeto do Curso de Medicina*. Ijuí.
- Vázquez, Adolfo Sánchez** (1980) *Ética*. Tradução João Dell-Anna. 4. ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

